

Estabelecimento Da Classe Dos Verbos De Destruição E Padrões De Realização Linguística

Definition Of Destruction Verbs Class And Specification Of Its Linguistic Occurrence

Morgana Fabiola Cambrussi

Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina
Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul
E-mail: morganacambrussi@yahoo.com.br

Taise Dall'Asen

Graduanda em Letras pela Universidade Federal da Fronteira Sul
E-mail: taisedallasen@hotmail.com

Endereço: Morgana Fabiola Cambrussi
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras. Rua Canários da Terra, s/n. Seminário, CEP- 89813-140
- Chapeco, SC – Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 12/10/2014. Última versão recebida em 01/11/2014. Aprovado em 05/01/2015.
Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).
Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.

RESUMO

Neste trabalho, resultante de um projeto de pesquisa que se destina ao estabelecimento de classes verbais, são descritas as condições linguísticas (lexicais, sintáticas e semânticas) de organização dos verbos de destruição do português brasileiro em classe. Foram investigados 10 verbos, identificados como grupo de controle da classe, realizados em diferentes diáteses e em processos de alternância. Ao final, considera-se que a simetria de comportamento linguístico dos predicadores e o compartilhamento de aspectos de significado de estrutura semântica sugerem fortemente que há uma organização em classe para esses itens lexicais.

Palavras-chave: Classes verbais. Verbos de destruição. Sinônimos estruturais.

ABSTRACT

This paper, produced from a research project about the establishment of verbal classes, aims to describe linguistics conditions (lexical, semantics and syntactic) to an organization of destruction verbs in Brazilian Portuguese and its configuration in a class. Ten verbs were identified as a control group class, studied in different diatheses and in linguistics alternation processes. In conclusion it is assumed that the symmetry of linguistic behavior of the destruction verbs and its sharing aspects of semantic structure meaning strongly suggest that there is an organization of these lexical items in a class.

Keywords: Verbal classes. Verbs of destruction. Structural synonymous.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga as condições gramaticais e lexicais em que se realizam os **verbos de destruição** e busca estabelecer uma classe regular desses verbos. Os objetivos são o mapeamento da classe, a descrição detalhada de suas condições de realização linguística, a observação dos padrões de realização sintática e semântica, como é o caso da estrutura argumental, e a delimitação da classe.

Os métodos de procedimento são fundamentalmente ações de observação de padrões gramaticais, os quais orientam o trabalho analítico-comparativo. O grupo de controle analisado é composto por dez verbos, foi definido de acordo com o conteúdo semântico básico da classe, respeitados os traços semânticos relativos à perspectiva de destruição do objeto: *passar da existência para a não existência*. A classe verbal completa e seu grupo de controle foram assim definidos:

- **Classe dos verbos de destruição:** acabar, aniquilar, anular, arrasar, arruinar, assolar, cortar, danificar, demolir, derreter, derrubar, desfazer, desmanchar, dismantelar, desmoronar, despedaçar, destruir, devastar, dilacerar, dizimar, eliminar, esmagar, esmigalhar, espartir, espatifar, estilhaçar, estourar, estragar, explodir, exterminar, extirpar, matar, partir, quebrar, rachar, rasgar, rebentar, romper, violar.
- **Grupo de controle para a classe dos verbos de destruição:** arruinar, cortar, demolir, desfazer, derreter, desmanchar, destruir, eliminar, explodir, quebrar.

O estudo utilizou ocorrências da totalidade da classe desses verbos identificadas nas diáteses pré-definidas, mas este artigo concentra-se apenas sobre o grupo de controle, cujos predicadores foram submetidos aos testes nas propostas de padrões sintáticos e semânticos; uma vez realizados os testes, foram contrastados os seus resultados para todas as alternâncias pesquisadas: alternância causativa-incoativa, alternância de adjunto adnominal locativo, alternância transitiva-média, alternância sujeito instrumento; por fim, foi desenvolvida a análise dos resultados e a formalização de uma proposta de estabelecimento da classe em tela, expandindo-a para além do grupo de controle.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estudos de interface e a natureza híbrida dos procedimentos de descrição

No âmbito da semântica lexical, muitos trabalhos têm sido desenvolvidos em uma perspectiva de interface sintaxe-semântica. Nesses estudos, questões como estrutura argumental, formação de diáteses e processos de alternância são centrais. Neste artigo, desenvolvido como um desses estudos de interface, são abordadas todas essas questões para o tratamento de seu objeto de investigação: a classe dos verbos de destruição do português brasileiro.

A investigação dos processos de estabelecimento de classes verbais tem como um de seus maiores expoentes o trabalho de Levin (1993) e, posteriormente, o desdobramento do alcance gramatical dessas classes abordado em trabalhos como Levin e Rappaport-Hovav (2005). A justificativa empírica para o tratamento do léxico de uma língua em classes ganha respaldo na tentativa de se compreender e explicar o conhecimento linguístico que o falante possui. Como afirma Levin (1993), aquilo que um falante demonstra ter de conhecimento sobre o funcionamento gramatical dos itens lexicais de sua língua tem uma composição tão complexa que não poderia ser orientado de maneira idiossincrática, item a item. Assume-se, junto com a autora, que esse conhecimento se alicerça sobre certas capacidades de que o falante dispõe de fazer generalizações sobre sua língua, e essas generalizações podem ser operadas por meio da organização dos itens lexicais em classes, como é o caso das classes verbais.

O modo como essas classes se desenham e redesenham nem sempre é claro. Evidentemente, não apenas critérios semânticos podem ser basilares nessa definição. É possível que sejam pré-definidos critérios morfológicos (categoria de palavra), critérios fonológicos (distribuição prosódica, acento) ou ainda, como se faz neste estudo, questões semânticas (aspectos de significado estruturais) e questões sintáticas (diátese e estrutura argumental) previsíveis ao nível do léxico.

Levin e Rappaport-Hovav (2005) consideram que uma adequada descrição da estrutura argumental de itens verbais, por exemplo, jamais poderia ser de natureza estritamente sintática ou estritamente semântica, isso porque a matriz de um verbo pode não ser só dele, pode ser de uma classe que se comporte gramaticalmente como ele, e isso tudo pode já vir especificado em sua informação lexical. Ainda, essa informação não se restringe a quantos argumentos o predador comporta e qual a posição que ocupam nas diferentes

diáteses que potencialmente licenciará, mas também é uma informação que inclui saber o tipo de papel ou de função semântica que esse argumento deve ter para que a construção formada tenha aceitabilidade na língua a que pertence.

Nessa interface colocada pela perspectiva de dependência entre critérios de forma e de função, também Grimshaw (2005, p.76) apresenta uma distinção relevante para se ter em mente: nem todos os aspectos semânticos possuem relevância gramatical, mas aqueles que possuem precisam ser considerados. A autora separa os aspectos de significado em dois tipos, aqueles que são de conteúdo semântico e não têm “vida gramatical” e aqueles que são de estrutura semântica e produzem operações linguísticas no nível da gramática.

Uma consequência direta da divisão apresentada por Grimshaw (2005) é a consideração de que pode haver itens lexicais de conteúdo semântico aproximado e, por isso mesmo, avaliados como sinônimos (sinônimos de conteúdo), mas também pode haver outro tipo de sinônimos, definidos em termos de estrutura linguística, pois há propriedades semânticas que são da ordem da estrutura e, quando compartilhadas pelos itens lexicais de uma determinada classe, acabam por criar sinônimos estruturais (sinônimos de estrutura). A partir desse arcabouço teórico é que se considera, neste artigo, que os predicadores integrantes da classe dos verbos de destruição não guardam entre si identidade de conteúdo, mas de estrutura semântica, caracterizando-se como sinônimos estruturais.

2.2 Padrões de Realização Linguística e Discussão

Os padrões de realização linguística correspondem a configurações gramaticais ou padrões frásicos em muito associados às alternâncias linguísticas e, em última análise, à diátese. Perini (2008, p.254), por exemplo, assume na configuração de diátese a possibilidade de se identificarem classes verbais, ao afirmar que “[...] cada diátese deve [...] dividir o conjunto dos verbos da língua em duas subclasses, a dos verbos que ocorrem naquela construção e a dos que não ocorrem.”. Esses padrões (de diáteses, que incluem as alternâncias) são, portanto, o quadro de possibilidades de realização argumental dos verbos investigados, considerando-se o número de argumentos, sua organização linear na sentença, seu status de seleção categorial e, acima de tudo, os papéis temáticos envolvidos na formação desses padrões. A seguir, são apresentados e discutidos os padrões relativos estudados para a classe dos verbos de destruição.

2.3 Construção Transitiva Canônica

Na construção transitiva canônica, os verbos selecionam dois argumentos, um sujeito e outro objeto, direto ou indireto. Apesar da característica biargumental, é o segundo argumento que responde pela definição de transitividade da construção, pois de acordo com Perini (1999, p.162) “[...] um verbo é transitivo quando exige a presença de um objeto direto em sua oração”. Ou seja, é a natureza de complementação que define, nessa perspectiva teórica, a transitividade do verbo.

Azevedo (2011) argumenta que as construções transitivas canônicas se dividem entre aquelas cujos verbos transitivos selecionam complemento direto, também chamado objeto direto (OD), a exemplo das sentenças em (1) e (2) abaixo, e aquelas cujos verbos transitivos selecionam complemento encabeçado por preposição, ou acoplado ao verbo através de uma preposição, também chamado objeto indireto (OI).

(1) O ladrão destruiu a loja de cosméticos.

(2) João explodiu a fábrica.

Convém destacar que, segundo Perini (2006), a construção transitiva canônica é formada por SN (agente) + V + SN (Paciente), exatamente como verificado em (1) e (2), em que ambos os verbos exigem sujeito agente (respectivamente, [O ladrão] e [João]) para preenchimento da primeira posição argumental e objeto direto paciente para a segunda posição (respectivamente, [a loja de cosméticos] e [a fábrica]).

Entre o grupo de controle dos verbos de destruição, não se verificou a seleção de complemento preposicionado, a exemplo de *João precisa de emprego*, em que o complemento [de emprego] é o objeto indireto. Entretanto, verifica-se que o papel semântico do complemento, nesse caso, não é o de paciente, atribuído ao segundo argumento das construções em (1) e (2) e das construções com os demais verbos de destruição (conferir Quadro 1, abaixo). Assim, assumiremos, junto com Perini (2006), que apenas as construções que seguirem a configuração [SN (agente) + V + SN (Paciente)] correspondem à transitiva canônica, entretanto, o primeiro argumento dessas construções, com papel de agente, pode ser um agente menos prototípico, como uma causa natural, por exemplo, desde que mantenha o traço de desencadeador.

Quadro 1: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – transitiva canônica

Verbos do Grupo Controle	Forma construção transitiva canônica?	Papel temático do primeiro argumento da construção	Papel temático do segundo argumento da construção
Arruinar	Sim	Agente/Causa	Paciente
Cortar	Sim	Agente/Causa	Paciente
Demolir	Sim	Agente/Causa	Paciente
Desfazer	Sim	Agente/Causa	Paciente
Derreter	Sim	Agente/Causa	Paciente
Destruir	Sim	Agente/Causa	Paciente
Desmanchar	Sim	Agente/Causa	Paciente
Eliminar	Sim	Agente/Causa	Paciente
Explodir	Sim	Agente/Causa	Paciente
Quebrar	Sim	Agente/Causa	Paciente

Analisando os resultados apresentados no Quadro 1, é possível compreendermos que o papel temático do segundo argumento da construção transitiva canônica formada com verbos de destruição recebe sistematicamente papel temático de paciente. Além disso, em todos os casos esse argumento não é preposicionado e o papel temático do primeiro argumento da construção alterna entre agente e causa, ambos com o traço [+desencadeador] do evento denotado pelo verbo.

2.4 Construção Passiva

A construção em que se manifesta a voz passiva possui como característica a reorganização dos elementos que compõe a transitiva canônica, expressa na voz ativa. Na passiva, o argumento paciente, o qual sofre a ação do verbo, é alçado para a posição de sujeito, sintaticamente identificado como sujeito paciente. Já o argumento agente passa a ser expresso em um sintagma preposicional encabeçado preferencialmente pela preposição **por**.

Segundo Azevedo (2011), a voz passiva analítica ocorre quando atribuímos de forma explícita a função sintática de sujeito ao paciente, em uma construção com locução verbal, formada pela sequência de elementos: SN + verbo auxiliar + particípio passado do verbo principal + SP que exprime o agente da passiva (este último elemento é opcional, ou seja, sua realização linguística não é condição para a boa formação de construções passivas), como em:

(3) A loja de cosméticos foi destruída (pelo fogo).

(4) A fábrica foi explodida (por João).

Os dois primeiros sintagmas de (3) e (4) recebem função sintática de sujeito paciente e papel temático de paciente. Analisando a reorganização dos elementos realizados na voz passiva, semanticamente, o sujeito da sentença sofre a ação do verbo, enquanto os desencadeadores dessa ação, respectivamente, com papel temático de causa e de agente, estão realizados pelo SP pós-locução verbal. Ao compararmos essa estruturação à transitiva canônica, expressa na voz ativa do verbo, verifica-se a inversão de posição argumental dos argumentos do verbo.

Quanto aos demais verbos de destruição, pode-se notar:

Quadro 2: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – construção passiva

Verbos do Grupo Controle	Forma construção passiva?	Papel temático do primeiro argumento da construção – sintagma nominal	Papel temático do segundo argumento da construção – sintagma preposicional
Destruir	Sim	Paciente	Agente/causa
Explodir	Sim	Paciente	Agente/causa
Arruinar	Sim	Paciente	Agente/causa
Cortar	Sim	Paciente	Agente/causa
Demolir	Sim	Paciente	Agente/causa
Desfazer	Sim	Paciente	Agente/causa
Desmanchar	Sim	Paciente	Agente/causa
Derreter	Sim	Paciente	Agente/causa
Eliminar	Sim	Paciente	Agente/causa
Quebrar	Sim	Paciente	Agente/causa

De acordo com o Quadro 2, dois papéis temáticos distintos, mas ambos com propriedade de desencadeador, são possíveis de se atribuir ao segundo argumento da construção passiva com verbos de destruição, enquanto o primeiro argumento é sempre paciente.

2.5 Construção Intransitiva

Ao contrário da construção transitiva, que seleciona complemento objetivo, as construções intransitivas são monoargumentais e o argumento único que selecionam não é entidade afetada pelo evento denotado pelo verbo, mas sim responsável pelo desenvolvimento do evento, ou seja, responsável por seu desencadeamento.

Segundo Perini (1999), intransitividade é a rejeição de objeto direto por parte de verbos com sentido completo, sendo assim, sua configuração estrutural, incluindo-se a estrutura semântica, seria SN (agente) + V (verbo), em que a posição de agente, na realidade, é ocupada por um causador da ação, que eventualmente poderia ser um agente menos prototípico, mas nunca um paciente.

Já para Azevedo (2011), os verbos intransitivos são definidos em termos predicativos, a partir da consideração de que constituem “[...] por si só o predicado de uma oração.” (p. 213) e todos os demais elementos que, possivelmente, acompanhem esse predicado não alterariam a classificação verbal, já que seriam modificadores adverbiais ou predicativos sobre o argumento selecionado. Nessa definição, a construção intransitiva é assim analisada pelo critério verbal: se há verbo intransitivo, a construção é intransitiva.

Partindo dessas duas concepções de intransitividade, é possível afirmarmos que os verbos de destruição *destruir* e *explodir* não participam da formação de construções intransitivas, por não serem verbos de sentido pleno (como os verbos de atividade *correr*, *nadar*, *pular*) e por não serem compatíveis com a organização estrutural SN (agente) + V (verbo). Os exemplos (5) e (6) ilustram a agramaticalidade desses verbos nesse contexto:

(5) *A Maria destruiu.

(6) *O João explodiu.

Em relação às sentenças (5) e (6), poderíamos iniciar a análise dizendo que é perceptível que ambos os verbos não possuem significado completo, ou seja, selecionariam um complemento para que, composicionalmente, tivessem esse significado completo. Nesses casos, a exigência de um argumento, cujo papel semântico seja o de paciente, funciona como restrição para a formação de construções intransitivas.

Além das orações acima, é possível conferirmos, no Quadro 3, que todos os verbos de destruição do grupo de controle não formam construções intransitivas, dada a agramaticalidade das sentenças formadas com esses verbos em contexto SN (agente) + V (verbo).

Quadro 3: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – construção intransitiva

Verbos do Grupo Controle	Forma construção intransitiva?	Papel temático do argumento único da construção – sintagma nominal
Destruir	Não	Agente/Causa
Explodir	Não	Agente/Causa
Arruinar	Não	Agente/Causa
Cortar	Não	Agente/Causa
Demolir	Não	Agente/Causa
Desfazer	Não	Agente/Causa
Desmanchar	Não	Agente/Causa
Derreter	Não	Agente/Causa
Eliminar	Não	Agente/Causa
Quebrar	Não	Agente/Causa

Analizando o Quadro 3, é conclusivo que a impossibilidade de licenciamento de construção intransitiva é extensível a todos os elementos do grupo de controle da classe dos verbos de destruição. Tomando-se as definições acima, isso é o mesmo que considerarmos que esses verbos formam predicados que são semanticamente incompletos e necessitam de saturação de duas posições argumentais para serem interpretados.

2.6 Construção Ergativa

Nas construções ergativas, o paciente é alçado para a posição de sujeito da oração. Nesse caso, a construção monoargumental seleciona argumento que é afetado pelo desenvolvimento do evento, não argumento responsável por desencadeá-lo. Diferentemente das construções passivas, que também possuem argumento paciente na posição de sujeito sintático, as construções ergativas não são formadas por locução verbal nem podem ter o argumento desencadeador realizado através de sintagma preposicional.

Conforme Perini (2008), a ergatividade é propriedade de construções formadas por SN (paciente) + V (verbo), com argumento desencadeador da ação apagado, como ocorre em (7b) e (8b):

(7) a. A Maria destruiu a loja de cosméticos.

b. *A loja de cosméticos destruiu.

(8) a. João explodiu a fábrica.

b. A fábrica explodiu.

De acordo com o par de sentenças em (7), percebe-se que o verbo *destruir*, representante da classe dos verbos de destruição, não tolera apagamento do argumento

desencadeador do evento e alçamento do argumento afetado, ou seja, não licencia a formação de construções ergativas por não satisfazer as condições básicas para a formação dessas construções.

Já em (8) observa-se a possibilidade de realização de ergativas com o verbo *explodir*, em uma alternância que pode ser denominada transitiva-ergativa, visto que o objeto afetado pela explosão é sujeito/paciente da sentença e que o argumento desencadeador foi omitido sem prejuízo para a gramaticalidade da construção. Essa análise é compatível com a argumentação de Perini (2008, p. 314), segundo a qual “[...] a construção ergativa é tipicamente usada para omitir o Agente.”.

Quanto ao comportamento dos demais verbos integrantes do grupo de controle da classe dos verbos de destruição, apresenta-se a síntese contida no Quadro 4.

Quadro 4: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – construção ergativa

Verbos do Grupo Controle	Forma construção ergativa?	Papel temático do argumento único da construção – sintagma nominal
Destruir	Não	Paciente
Explodir	Sim	Paciente
Arruinar	Não	Paciente
Cortar	Não	Paciente
Demolir	Não	Paciente
Desfazer	Sim	Paciente
Desmanchar	Sim	Paciente
Derreter	Sim	Paciente
Eliminar	Não	Paciente
Quebrar	Sim	Paciente

Sendo assim, destacamos que os verbos *explodir*, *desfazer*, *desmanchar*, *derreter* e *quebrar* licenciam construção ergativa, sem restrições para o apagamento do argumento desencadeador e para o alçamento do argumento paciente. Os demais verbos, entretanto, não satisfazem essas condições.

2.7 Alternâncias Verbais: alternância causativa-incoativa

A alternância causativa-incoativa é verificada pelo contraste das sentenças em (10), em que a primeira possui os mesmos argumentos e demais características da construção transitiva, SN (agente) + V (verbo) + SN (paciente); já a segunda construção, denominada

incoativa, possui as mesmas características da ergativa já descritas: o paciente é realizado na posição de sujeito, mantendo-se a configuração SN (paciente) + V (verbo).

(09) a. Carlos destruiu os brinquedos.

(09) b. *Os brinquedos destruíram.

(10) a. João explodiu a fábrica.

(10) b. A fábrica explodiu.

Em (09a) e em (10a), a perspectiva causativa é caracterizada pela realização do argumento causador do evento denotado pelo verbo, na primeira posição argumental e em função sintática de sujeito, semanticamente definido como agente; também realiza o segundo argumento, paciente, afetado pela ação ao sofrer mudança de estado (CAMBRUSSI, 2009). Quanto à segunda construção do par em alternância, a construção incoativa, apenas *explodir* licencia sua realização, o que se evidencia pelo contraste de gramaticalidade entre (09b) e (10b) – *destruir* não aceita o apagamento do argumento desencadeador da ação.

Dentro do grupo de controle, considerados os pares de alternância de todos os verbos em análise, configura-se o comportamento descrito no Quadro 5:

Quadro 5: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – alternâncias Verbais: alternância causativa-incoativa

Verbos do Grupo Controle	Participa da alternância causativa-incoativa?	Licencia a construção causativa?	Licencia a construção incoativa?
Destruir	Não	Sim	Não
Explodir	Sim	Sim	Sim
Arruinar	Não	Sim	Não
Cortar	Não	Sim	Não
Demolir	Não	Sim	Não
Desfazer	Sim	Sim	Sim
Desmanchar	Sim	Sim	Sim
Derreter	Sim	Sim	Sim
Eliminar	Não	Sim	Não
Quebrar	Sim	Sim	Sim

Considerando os resultados a partir do Quadro 5, é evidente que os mesmos verbos da classe de destruição que licenciaram a construção ergativa são aqueles que participaram da alternância transitiva-incoativa. Esse resultado era esperado, uma vez que a forma transitiva, dentro do par de alternâncias, é a forma mais básica (CAMBRUSSI, 2009), que terá um de seus argumentos apagados para a formação da incoativa. Assim, o critério distintivo dentro da

classe, até este ponto, tem sido o licenciamento de construção incoativa ou, mais especificamente, ergativa.

2.8 Alternâncias Verbais: alternância de adjunto adnominal locativo

Nas alternâncias verbais de adjunto adnominal locativo, e em outras que envolvem a noção de adjunto, é imprescindível compreender a diferença entre adjunto e complemento. Perini (1999), seguindo a distinção tradicional feita entre adjunto e complemento, define adjunto como um termo acessório na estrutura sentencial, considerando-se que seria dispensável a sua presença para a boa formação de uma sentença, pois o sentido da oração não seria prejudicado. Diferentemente, os complementos são essenciais, logo, seu apagamento afetaria a gramaticalidade da sentença.

Nesse trabalho, assumimos como adjunto os elementos que são circunstanciais, quer dizer, não fazem parte da grade argumental do verbo ou do nome, mas podem ser adicionados à grade, introduzindo informações a respeito das condições de realização do evento ou do objeto denotado por um nome (como especificações de tempo, de espaço, de modo, de instrumento).

No caso do adjunto adnominal locativo, o sintagma que exerce essa função especifica informações espaciais de um objeto (ou de um evento), a exemplo do sintagma [da caixa], em (11a), que fornece a localização do referente [os brinquedos], adicionando a esse referente a especificação de localização espacial [são os brinquedos que ficam/que são guardados na caixa]. Esse sintagma não é parte da grade argumental do nome a que se adjunge, mas denota uma informação circunstancial dada a respeito do referente denotado por *os brinquedos*.

Sobre a estrutura básica envolvida na alternância de adjunto adnominal locativo, considera-se que essa alternância acontece entre pares de sentença em que se pode alternar o adjunto adnominal locativo com o nome a que se adjunge, sem alterar a interpretação da entidade objeto da afetação denotada pelo verbo. Basicamente, essas sentenças possuem como estrutura SN (agente) + V (verbo) + SN (paciente com adj. locativo), como se observa em (11a) e (12a), em que o SN [os brinquedos da caixa] denota uma entidade com especificação circunstancial.

(11a) Carlos destruiu os brinquedos da caixa.

(11b) Carlos destruiu a caixa de brinquedos.

(12a) João explodiu os brinquedos da caixa.

(12b) João explodiu a caixa de brinquedos.

As construções (11b) e (12b) são as formas alternantes, em que o sintagma [os brinquedos da caixa] passa a [a caixa de brinquedos]. Na análise semântica da entidade afetada, observa-se que, para a primeira construção de cada par da alternância, a única interpretação disponível é a de que a afetação recai sobre a entidade denotada por *os brinquedos*, ou seja, a entidade que é destruída ou explodida é denotada por *os brinquedos*, exclusivamente.

Entretanto, no segundo caso de cada par, há pelo menos duas interpretações possíveis: a de que a entidade afetada pelos eventos de *destruir* e de *explodir* é aquela denotada por *a caixa* e, nesse caso, a entidade afetada difere daquela afetada em (11a) e em (12a); a de que a entidade afetada pelos eventos de *destruir* e de *explodir* é aquela denotada por *os brinquedos* e, nesse caso, a entidade afetada é a mesma afetada em (11a) e em (12a) e a leitura é [destrui a caixa de brinquedos = destruiu todos os brinquedos que havia nela].

O Quadro 6 ilustra como se comportam os demais verbos do grupo de controle investigado quanto à alternância de adjunto adnominal locativo.

Quadro 6: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – alternâncias Verbais: alternância de adjunto adnominal locativo

Verbos do Grupo Controle	Participa da alternância de adjunto adnominal locativo?	Licencia mantendo a mesma interpretação de entidade destruída	Licencia apenas se alterar a interpretação da entidade destruída
Destruir	Sim	Sim	Não
Explodir	Sim	Sim	Não
Arruinar	Sim	Sim	Não
Cortar	Sim	Sim	Não
Demolir	Não	Não	Sim
Desfazer	Não	Não	Não
Desmanchar	Não	Não	Sim
Derreter	Sim	Sim	Sim
Eliminar	Não	Não	Sim
Quebrar	Sim	Sim	Não

Considera-se que o verbo participa da alternância de adjunto adnominal locativo se, na segunda construção do par de alternâncias, a entidade afetada pelo evento denotado pelo verbo coincidir, em pelo menos uma de suas interpretações, com a entidade afetada pelo evento na primeira construção do par. Assim, os casos em (11) e em (12) são exemplos de alternância de adjunto adnominal locativo. Entretanto, se não houver a possibilidade de manutenção da entidade afetada, não há alternância e a segunda construção é agramatical

enquanto forma alternante (ainda que a sentença seja gramatical fora do contexto de alternância).

2.9 Alternâncias Verbais: alternância transitiva-média

Outro padrão gramatical investigado foi a alternância transitiva-média, que em muito se assemelha à alternância causativa-incoativa, tendo em vista que a segunda construção do par de alternâncias é uma ergativa de valor medial (CAMBRUSSI, 2007). Nesse caso, a estrutura das construções em alternância é SN (agente) + V (verbo) + SN (paciente) para a versão transitiva; e SN (paciente) + V (verbo) + modificador para a formação média.

As construções médias, como (14b), são caracterizadas por reunir todas as características de uma ergativa canônica e, ainda, apresentarem traços como restrição à ocorrência no presente, exigência de modificador e genericidade para o agente implícito, o que favoreceria a leitura estativa, e não eventiva, da construção (CAMBRUSSI, 2007). Assim, a alternância transitiva-média é registrada nos casos em que se pode alternar de uma construção transitiva canônica ((14a)) para uma construção média ((14b)). Conforme demonstram os exemplos a seguir, o verbo *explodir* participa dessa alternância, enquanto o verbo *destruir* não alterna.

(13a) Carlos destruiu os brinquedos.

(13b) *Os brinquedos destroem fácil.

(14a) João explodiu a granada.

(14b) Granada explode fácil.

A construção em (14b) contrasta com a forma alternante transitiva por, entre outros motivos, apresentar leitura estativa e paciente em função de sujeito, com apagamento do agente. O sintagma [granada] recebe papel temático de paciente, mas está realizado como sujeito sintático, ocupando a posição preferencialmente à esquerda do verbo e desencadeando concordância. O que se expressa na sentença é uma propriedade intrínseca desse argumento único, e não um evento episódico, como seria em *A granada explodiu fácil*. Como nenhuma dessas características é atribuível a (13b), concluímos que o verbo *destruir* não participa da alternância transitiva-média.

Os demais verbos do grupo de controle registram o seguinte comportamento quanto à alternância transitiva-média:

Quadro 7: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – alternâncias Verbais: alternância transitiva-média

Verbos do Grupo Controle	Participa da alternância transitiva-média?	Licenciou construção ergativa?
Destruir	Não	Não
Explodir	Sim	Sim
Arruinar	Não	Não
Cortar	Não	Não
Demolir	Não	Não
Desfazer	Sim	Sim
Desmanchar	Sim	Sim
Derreter	Sim	Sim
Eliminar	Não	Não
Quebrar	Sim	Sim

A impossibilidade de licenciamento de construções médias e, conseqüentemente, de participação no processo conhecido como alternância transitiva-média, conforme já sinalizado anteriormente, está ligada à mesma restrição para licenciamento de construções ergativas. Esse resultado era o esperado e, pelo contrário, causaria surpresa a não correspondência entre os casos de gramaticalidade e de agramaticalidade no licenciamento dessas construções por um mesmo verbo, tendo em vista a identidade que há entre elas.

3 Alternâncias Verbais: alternância sujeito instrumento

No caso da alternância de sujeito instrumento, o foco do padrão gramatical testado é a hierarquia temática posta para o primeiro argumento das construções alternantes. Na primeira construção do par, o SN primeiro argumento é um agente, volitivo e com controle sobre o desenvolvimento do evento, e o SP instrumento é realizado na posição de adjunto. Na forma alternante, registrada em (15b) e em (16b), o argumento com traço de agentividade está apagado e é realizado como sujeito o SN com papel de instrumento.

(15a) Carlos destruiu os brinquedos com a marreta.

(15b) A marreta destruiu os brinquedos.

(16a) João explodiu a casa com um botijão de gás.

(16b) O botijão de gás explodiu a casa.

No pareamento entre (15a) e (16a), o adjunto instrumento poderia ser omitido sem prejuízo para a grade argumental dos verbos e para a gramaticalidade das construções. Nos casos (15b) e (16b), pelo contrário, o apagamento do argumento com papel temático de instrumento implicaria alterações na grade argumental, o que indica que os verbos *destruir* e

explodir participam da alternância de sujeito instrumento, tendo flexibilidade na hierarquia temática para o primeiro argumento da construção transitiva que, na transitiva canônica, seria agente.

O Quadro 8 relaciona como os demais verbos do grupo de controle se comportam quanto à alternância de sujeito instrumento.

Verbos do Grupo Controle	Participa da alternância de sujeito instrumento?	Papéis semânticos possíveis de se atribuir ao primeiro argumento (exceto passiva)
Destruir	Sim	Agente, Causa, Instrumento.
Explodir	Sim	Agente, Causa, Paciente, Instrumento.
Arruinar	Sim	Agente, Causa, Instrumento.
Cortar	Sim	Agente, Causa, Instrumento.
Demolir	Sim	Agente, Causa, Instrumento.
Desfazer	Sim	Agente, Causa, Paciente, Instrumento.
Desmanchar	Sim	Agente, Causa, Paciente, Instrumento.
Derreter	Sim	Agente, Causa, Paciente, Instrumento.
Eliminar	Sim	Agente, Causa, Instrumento.
Quebrar	Sim	Agente, Causa, Paciente, Instrumento.

Quadro 8: Síntese das características do grupo de controle dos verbos de destruição – *alternâncias Verbais: alternância de sujeito instrumento*

A partir do Quadro 8, em especial se contrastado ao Quadro 4, é possível afirmar que a lista de papéis temáticos possíveis de se atribuir ao primeiro argumento de construções formadas por verbos de destruição segue a hierarquia temática, do desencadeador agente, mais prototípico, ao desencadeador menos prototípico, Agente – Causa – Instrumento. Além disso, os verbos de destruição que formam construções ergativas são os mesmos que, nessa posição selecionam também argumento com papel temático de Paciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao definirmos uma classe verbal, é imprescindível que especifiquemos os critérios que servirão ao argumento de que o conjunto delimitado de predicadores pode assumir o desenho de uma classe. Sobre essa questão, retoma-se a separação proposta por Grimshaw (2005), entre aspectos de significado que pertencem à estrutura semântica e aspectos que pertencem ao conteúdo semântico dos itens lexicais, como um dos critérios possíveis de se assumir. Para a classe dos verbos de destruição pesquisada, pode-se dizer que há aspectos de estrutura semântica que unem os dez verbos cujo comportamento gramatical foi posto em contraste neste trabalho, a saber, todos os verbos do grupo de controle carregam o traço semântico relativo à perspectiva de destruição de seu objeto: *passar da existência para a não existência*. Essa especificação semântica, ao mesmo tempo em que deve ser atribuída à estrutura dos predicadores verbais, já que é definida em termos argumentais do verbo e de seu acarretamento temático para os argumentos, também é estruturante do conteúdo semântico desses predicadores, já que o significado dicionarizado que lhes é atribuído em muito segue a orientação do aspecto de significado definidor da natureza de afetação do objeto.

Além dessas questões relativas aos aspectos de significado, pode-se assumir o comportamento gramatical, que se chamou de padrão de realização linguística, como outro critério definidor dos contornos da classe verbal. Neste trabalho, percebeu-se que os verbos de destruição constituem uma classe de verbos do português também por terem suficientes aspectos de vida gramatical compartilhados. Esses verbos demonstraram simetria na composição da transitiva canônica, por consequência também da passiva, e todos rejeitam a formação de intransitivas, conforme a seção anterior tenta mostrar.

Já sobre os processos de alternância testados, um importante fator entra em jogo: o licenciamento de construções ergativas. O grupo de dez verbos investigados para posterior expansão da classe dos verbos de destruição revelou uma divisão, em que cinco predicadores (explodir, desfazer, desmanchar, derreter e quebrar) formam construções ergativas e cinco (destruir, eliminar, arruinar, cortar, demolir) não as toleram. Essa restrição afetou os processos de alternância causativa-incoativa e de alternância transitiva-média, uma vez que esses dois processos envolvem uma contraparte ergativa.

Conforme argumenta Cambrussi (2007), médias e ergativas são, na realidade, a mesma construção, entretanto, médias possuem genericidade e denotam um estado permanente, enquanto ergativas denotam um estado resultante, não uma propriedade intrínseca, nem possuem genericidade. Dessa forma, o resultado é previsível e aqueles predicadores que não

licenciam ergativas são também os que não participam da alternância causativa-incoativa, em que a forma alternante incoativa corresponde à diátese ergativa, nem participam da alternância transitiva-média, em que a forma alternante média também corresponde à diátese ergativa.

Contudo, Cambrussi (2007) argumenta que o licenciamento da alternância verbal com diátese ergativa está ligada a um aspecto semântico específico da estrutura de eventos do predador, sendo possível, portanto, o descarte dessa informação gramatical para o estabelecimento da classe dos verbos de destruição. Se as alternâncias causativa-incoativa e transitiva-média são decorrentes da polissemia lógica de certos predadores e a polissemia é uma propriedade de itens específicos, não de classes de itens, está fora de questão usar esse contraste para a diferenciação da classe.

A alternância de adjunto adnominal locativo foi o padrão gramatical mais destoante. Nesse caso, parece que a assimetria registrada está mais a cargo de restrições contextuais que propriamente de restrições gramaticais. Quando o falante interpreta que a sentença *João destruiu a caixa de brinquedos* expressa uma afetação da totalidade do conjunto de brinquedos que ficavam guardados na caixa e não a afetação da caixa em si, está produzindo essa interpretação ancorado em pistas contextuais que permitem ao falante fazer a derivação de sentido, afinal, o que se afirma na construção é que [a caixa de brinquedos] sofre afetação, com núcleo do sintagma nominal em *caixa*. Assim, qualquer outro cálculo de interpretação possível parece não ser autorizado pela estrutura argumental, considerada em termos de número de argumentos, sua posição estrutural, seu predador e o papel temático atribuído. Dito de outro modo, essa alternância foge das questões de diátese que se pesquisavam e demanda a consideração de propriedades pragmáticas não delimitadas para esta pesquisa. Por fim, a alternância sujeito instrumento retoma o comportamento regular dos predadores e volta a sugerir sua organização em classe.

Considerados todos os padrões gramaticais estudados e, além disso, o compartilhamento de aspectos de estrutura e de conteúdo semântico, acredita-se que este trabalho fornece suficientes evidências para a caracterização dos verbos de destruição como uma classe verbal do português brasileiro, além de estabelecer os contornos da classe.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J.C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

CAMBRUSSI, M.F. *Médias e ergativas: uma construção, dois sentidos*. 2007. 126f.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. *Alternância causativa de verbos inergativos no português brasileiro*. 2009. 198f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GRIMSHAW, J. *Words and structure*. Stanford: CSLI, 2005.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PERINI, M.A. *Estudos de Gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.